Eixo 5: Docente de Atendimento Educacional Especializado: formação e práticas
Relato de experiência

Acompanhamento de um caso de estudante diagnosticada com TDAH a partir de uma perspectiva historicizante

Hugo Koji Miura

INSTITUTO FEDERAL DO PARANA - IFPR
Docente de Educação Especial – IFPR. Pedagogo, mestre em Educação, com estudos em psicanálise. E-mail: hugo.miura@ifpr.edu.br

Resumo: O presente relato de experiência é fruto de um período de atendimento educacional especializado (AEE) realizado junto a uma estudante do ensino médio técnico de um Instituto Federal diagnosticada com TDAH. O enfoque desse trabalho é baseado numa perspectiva não centrada no modelo médico, que considera de maneira crítica a tendência medicalizadora da educação e da adolescência, tida como uma marca da contemporaneidade que atravessa diversas esferas da sociedade. Observou-se a adesão por parte da rede de apoio da estudante aos discursos patologizantes das manifestações apresentadas pela jovem, com o emprego de intervenções epistemologicamente fundadas no modelo médico, biologizante e normatizador, voltadas ao treino de habilidades, eliminação de sintomas e comportamentos considerados inadequados, além da prescrição medicamentosa pela técnica médica para tratamento de diferentes diagnósticos, que flutuam e cambiam-se ao longo do período de acompanhamento, havendo variações de psicoativos e respectivas suas dosagens. O trabalho do AEE junto a essa estudante procurou depositar seus empenhos tomando como base uma perspectiva ética de escuta das manifestações comportamentais da jovem enquanto cartas endereçadas a um outro social, e a quem possa recebê-las para além das tentativas de normatização. Considera-se que o aporte teórico da psicanálise oferece subsídios para essa escuta ampliada e para sustentação do trabalho, para que se torne possível o desencadeamento de novas modalidades de estar na instituição escolar. A aposta nessa mirada teórica permite apontar para a possibilidade de sobrevivência e travessia diante desse quadro enquanto elementos necessários para o trabalho educativo.

Palavras-chave: TDAH, Atendimento Educacional Especializado, Psicanálise, Medicalização.

INTRODUÇÃO

"Há tantos quadros na parede
Há tantas formas de se ver o mesmo quadro"

Engenheiros do Hawaii

A educação especial é um campo de saber que transita nas fronteiras de diversos outros, sendo os principais a educação e a saúde. Historicamente, tal área do conhecimento esteve atrelada desde sua origem a perspectivas médicas, que iriam então instituir diagnósticos e prescrever suas respectivas maneiras de abordar terapêutica e

pedagogicamente as pessoas que apresentam algum tipo de alteração mental e/ou sensorial (RAHME & VORCARO, 2015). Participamos, no entanto, de um momento cultural no qual a predominância do saber médico acerca da deficiência vem a ser questionada pelos avanços na questão dos direitos humanos das pessoas com deficiência, ancoradas em aportes epistemológicos que apontam para a construção de um modelo social da deficiência (LIMA, 2022). Embora existam inúmeros avanços em termos legais e culturais na questão do reconhecimento da deficiência enquanto questão de ordem social e política, e não apenas uma "tragédia" individual, observa-se que na instituição escolar persistem exclusões das diferenças ocasionadas pelas noções de normalidade e anormalidade.

Torna-se cada vez mais necessário que os trabalhadores do campo da educação especial estejam inseridos nos debates acerca dos modelos de deficiência e os fundamentos epistemológicos de suas práticas, diante de uma tendência contemporânea - na esteira da lógica neoliberal de patologização das diferenças - de biologização dos indivíduos e a consequente destituição do saber do educador em sua própria atuação. Nesse sentido, buscamos nesse relato de experiência delinear modos de pensar e fazer na educação especial que possibilitam apontar para maneiras diversas de atuação que consideram a estudante enquanto sujeito imerso na cultura, na sociedade, habitante de uma subjetividade individual e ao mesmo tempo produto de sua época.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Necessariamente, o professor que atua em AEE vai deparar-se, em algum momento de sua prática, com laudos médicos e diagnósticos que vêm majoritariamente através de siglas oriundas de manuais diagnósticos da área médica e psiquiátrica (o CID-10 - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - e o DSM-V - Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua quinta edição). Apesar de a existência de laudo médico não ser condição para que o estudante tenha suas especificidades de aprendizagem identificadas e atendidas no âmbito escolar, a circulação desse signo na instituição enquanto identificação de alguns estudantes é potencial operador de modificações nas práticas pedagógicas. Frequentemente, o diagnóstico é tomado como

um dado natural proveniente de um fato orgânico, sendo ignoradas as dimensões de sua produção enquanto discurso científico e a história de cada sujeito inserido em cadeias de representações. Se tomados em caráter de "ordem natural", diagnósticos desembocarão num *modus operandi* que confere o lugar de desvio àquilo que se apresenta destoante do ideal de aluno. Posição excludente, que inclui para excluir (VEIGA-NETO, 2001), lógica que funciona a partir do enquadramento padronizante do desvio em categorias pré-estabelecidas pela racionalidade médica. Em outras palavras, Vasques (2015) aponta que esses traços a-normais são "esvaziados de seu caráter enunciativo" para serem "enquadrados, depurados pelos inúmeros questionários e escalas de medidas, a ponto de perderem o valor de palavra dirigida a alguém". Um funcionamento semelhante ao que encontramos no âmbito da política vigente no país, que destitui o valor da palavra e do diálogo, para dar lugar à intensificação das formas de silenciamento, apagamento e violência física e/ou simbólica diante daquilo que é diferente.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Há muitas vozes repetindo a mesma frase:
Ninguém é igual a ninguém
Me espanta que tanta gente minta
(Descaradamente) a mesma mentira

Os pais são convidados a conversar na instituição, a partir da constatação de dificuldades notáveis da filha em relação a alguns componentes curriculares. Chegam com um maço de papéis debaixo dos braços, e falam de maneira apreensiva a respeito do comportamento "depressivo" da estudante em casa, que se "tranca" no quarto, evita sair e encontrar pessoas, utiliza fones de ouvido em boa parte do tempo, veste-se com casacos pretos e deixa os cabelos compridos sobre a face, e os desafia em diversos momentos. Contam também de sua trajetória em terapias psicológicas e psiquiátricas, a procura por um laudo, de algo que possa existir para além do que já foi falado sobre a jovem pelos profissionais que entregaram-lhes os papéis. Algo falta. Algo está fora do lugar. Assim começa o AEE com essa estudante, num primeiro momento, conhecendo o que seus pais têm a dizer.

Até aqui, vemos um quadro que poderia ser muito parecido para diversos pais de

adolescentes na atualidade, aqueles jovens que "causam" mais, que apresentam comportamento desafiador, questionador, que se fecham em seus quartos, especialmente após o período de anos de isolamento causado pela pandemia do covid-19. Marcadamente, aparece na fala desses pais o atravessamento do discurso médico, com a procura por um diagnóstico que possa - finalmente, de uma vez por todas - colocar luz e direção ao tratamento dessa adolescente. Essa maneira de narrar aquilo-que-não-vai-bem, muito comum atualmente - tão comum que por vezes passa despercebida - não é neutra, possui atravessamentos epistemológicos, é uma narrativa que empresta elementos de perspectivas construídas social, cultural e politicamente.

A resposta do trabalho de AEE diante desse quadro pode estar situada na mesma base epistemológica, ou seja: levantar sinais e sintomas aparentes dessa ou daquela patologia mental, procurar por aquilo que falta, identificar por aquilo-que-vai-mal, colocar dentro da norma, verificar, através da fenomenologia dos comportamentos, as soluções técnicas correspondentes. Para cada distúrbio, uma solução. Ou, a intervenção da educação especial pode estar assentada em outros fundamentos que procuram ampliar a escuta, daquilo que aparece como algo a ser suprimido, para se tornar algo que comunica. Esse lugar, pouco confortável de ser sustentado na prática cotidiana, é para o qual se dirige nesse relato, cujas raízes epistemológicas encontram-se com aquelas que sustentam o modelo social da deficiência.

O primeiro atendimento com a estudante é marcado por uma escrita de sua autoria, que se dizia "cansada de modificar para os outros e triste por ter que esconder minha criatividade dos outros e de esquecer onde eu guardei. Cansada de me sentir triste mesmo tendo pessoas em volta." A sequência dos atendimentos constituiu-se de tentativas sem sucesso de auxiliá-la na organização de seus estudos, além de vários diálogos acerca de suas vivências na instituição e fora dela. Nos intervalos entre uma semana e outra, comunicações por parte dos pais diziam da retomada da medicação, do aumento da dosagem, da hipótese de um novo diagnóstico e, portanto, a inserção de outra droga. E no desenrolar dos atendimentos, uma constante esquiva por parte da estudante em adentrar nas questões relativas ao currículo da instituição, e do contato com a produção de conhecimento sistematizado.

Após uma conversa com os pais sobre os sucessivos "desencontros" enfrentados nos atendimentos com a estudante, ideias alternativas surgiram, dentre elas, a participação de sua melhor amiga nos atendimentos. O ato de saímos do âmbito individual nos atendimentos para começar a incluir a participação de colegas da turma que mantêm um bom relacionamento com a estudante tem demonstrado resultados positivos, no sentido do engajamento nas tarefas escolares. Será necessário mais tempo de acompanhamento dentro dessa nova configuração para que seja possível obter mais informações e resultados mais consistentes. O que chama a atenção é que, após essa reunião com os pais, houve uma releitura de relatórios feitos pelos profissionais que atenderam a estudante, e foi possível constatar um detalhe que havia escapado na primeira leitura: a garota em questão chegou à família via processo de adoção.

Um longo desenvolvimento pode ser delineado a partir da constatação desse detalhe na história da vida familiar, especialmente através da perspectiva winnicottiana sobre a adoção, já que, nessa abordagem, tal acontecimento possui diversas especificidades e fases que precisam ser levadas em conta pelos familiares e profissionais de rede de apoio. Não é o objetivo aqui realizar um aprofundamento nessa questão em específico, porém, abordá-la de forma introdutória para suscitar a questão de que os gestos, comportamentos, sintomas apresentados pela estudante não necessariamente têm uma relação direta com um distúrbio cerebral-orgânico. Apostamos na existência de um sujeito, constituído por uma história singular, atravessada por uma ruptura significativa durante as fases primordiais de constituição do eu, e que podem transbordar na adolescência e na relação que estabelece com a escolarização. Há, segundo o psicanalista, um nível muito primitivo que no relacionamento real com os pais adotivos não pode ser alcançado, justamente por não terem concebido a criança (WINNICOTT, 1954 d, p. 116 apud GOMES, 2006). Porém, esse fato não significa a impossibilidade de uma boa relação entre pais e filhos adotivos, mas sim que o estabelecimento de sua conexão ocorre em bases diferentes.

CONCLUSÃO

Todos iguais, todos iguais,
Mas uns mais iguais que os outros.

É necessário problematizar a medicalização e a adesão acrítica a diagnósticos e toda cadeia discursiva que trazem. Colocar em questão não significa ser contra a administração de psicotrópicos na adolescência, nem o acompanhamento por abordagens que se voltam para o treino de habilidades. Tais formas de tratamento possuem o seu lugar e importância - não universal como se pode parecer/pretender em alguns momentos - mas a depender de cada caso. O que busca-se destacar nesse relato é a importância de situar o comportamento numa história de vida, num contexto particular, pois, ao adentrarmos na dimensão particular, algo sempre foge dos discursos universalizantes. Mais ainda, quando tratamos do público adolescente, que possui especificidades importantes, que devem ser levadas em conta por todos profissionais que estão na lida com pessoas dessa faixa etária.

O presente relato suscita diversas questões que não puderam ser melhor desenvolvidas teoricamente, levando-se em conta também que foi abordado em período relativamente curto de tempo de acompanhamento da estudante em questão. Foram levantadas, talvez, mais questões do que proposições sobre “o que fazer em AEE”. Caso isso tenha ocorrido, algo de sua proposição teria sido cumprida, sendo a de apontar para novas miradas naquilo que aparentemente é comum.

REFERÊNCIAS

GOMES, K. **A adoção à luz da teoria winnicottiana**. Winnicott E-prints volume 1 n.2, série 2, p. 52, 2006. http://pepsic.bvsalud.org/pdf/wep/v1n2/v1n2a05.pdf (Acesso em 15/09/2022)

LIMA, A. **Educação especial, conhecimento e capacitismo: a persistência da exclusão no Brasil contemporâneo.** Tese de doutorado UFRGS. Porto Alegre, 2022. https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/240099/001141149.pdf?sequence=1&isAllowed=y (Acesso em 15/09/2022)

RAHME, M. VORCARO, A. **Interrogações sobre o lugar do sujeito no delineamento de uma educação especializada.** Educação (Porto Alegre, impresso), v. 38, n. 2, p. 177-184, maio-ago., 2015. https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/20043/13653 (Acesso em 13/09/2022)

VASQUES, C.K. **Formas de conhecer em educação especial: o diagnóstico como escudo e lista**. Rev. educ. PUC-Camp., Campinas, 20(1): 51-59, jan/abr., 2015. https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reveducacao/article/view/2943/1972 (Acesso em

14/09/2022)

VEIGA-NETO, A. **Incluir para saber. Saber para excluir.** Pro-posições, v.12, n. 2-3 (35-36), jul.-nov., 2001. https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643993/11442 (Acesso em 15/09/2022)